

Podemos, na vida, lutar por “*ser*”; podemos cegar ou sossegar no “*ter*”, soletrando o *Hamlet* num outro verbo e numa outra verba: “*Ter ou não ter... eis a questão.*”

Podemos abrigar-nos na Lua ou hospedar-nos nas estrelas, com reserva em hotéis de ouro. Podemos viajar, turísticos, em segunda, ou, príncipes, fazê-lo em “*conforto*”. Podemos espalhar-nos, trôpegos, na feira, ou espelhar-nos, sôfregos, nas *top models*. Podemos, impassivos, incomodar-nos na amolgada furgoneta, ou, bravios, acomodar-nos no *Ferrari* audaz. Podemos baloiçar em berços de sol e oiro ou navegar em brumas e mergulhar nas so[m]bras.

Coisa feia... a inveja ou casa cheia... de [in]diferença? Onde mora a felicidade?



Quem não se lembra de, na sua infância, ter rido ou sorrido com as “*patéticas*” dos palhaços pobres e a ensaiada “*seriedade*” dos palhaços ricos? E, no entanto..., quais deles nos faziam mais felizes? Alguém saberá responder?

1. Haverá alguma explicação (ou justificação) para esta necessidade, tão comum, de pôr em contraste coisas, pessoas...? Que lhe parece?

## 63. Via popular, via erudita

### “Palhaço rico, palhaço pobre”

Há uns anos, passou nas televisões de todo o mundo uma série que se tornou muito popular: “*Homem Rico, Homem Pobre*” (*Rich Man, Power Man*).

De igual modo, havia nas aparições de palhaços, duas figuras muito do agrado das crianças: “*O Palhaço Rico e o Palhaço Pobre*”. Só a escolha dos seus nomes (o *Batatinha*, o *Batatoon*, o *Borboleta*, o *Tirolé*, o *Tirapico*, etc.) gerava, em cada um de nós, uma atmosfera de felicidade. As nossas traquinices e diabruras desaguavam, mitigadas, absorvidas ou absolvidas, nas tropelias de tão desastrados figurantes. Iam-se as dores, iam-se as penas, iam-se as lágrimas, ia-se o frio, ia-se a fome. Todo o nosso mundo se condensava naquelas figuras de oiro, cujos olhos, mesmo quando lhes bailava uma disfarçada lágrima, irradiavam simpatia e amor. E de oiro revestiam a nossa existência... Neles retratávamos os “*antónimos de vida*”, colocando nos extremos da linha *figuras-tipo*, para as tornar mais visíveis e, acaso, mais risíveis. Porque sempre houve “*pobres*” que, por um golpe mágico, se tornaram “*ricos*”, e sempre houve “*ricos*” que, por um golpe trágico, se tornaram “*pobres*”. Sempre girou, na nossa rua, a fatal “*roda da fortuna*”...

### A. Via popular, via erudita

Não se passa algo de muito diferente com a *evolução* de certas palavras; como vimos no documento anterior, há umas que, sendo *variadas* na origem, por *convergência* se uniformizam, e há outras cuja forma, sendo *una* na fonte, por *divergência* se pluralizam no *estuário* ou na *foz*.

A língua é uma maravilha e as palavras são como *casulos* que se vão metamorfoseando e evoluindo. E das larvas-*crisálida* (do grego *chrysos*, oiro) se soltam, batendo as asas, multicolores *palavras-borboleta*, colorindo e animando os prados da nossa vida.

Para além do exemplo já estudado na página 141, vejamos mais alguns casos:

	<i>via popular</i>	<i>via erudita</i>
alienare	<i>alhear</i>	<i>alienar</i>
aprehendere	<i>aprender</i>	<i>apreender</i>
arena-	<i>areia</i>	<i>arena</i>
auscultare	<i>escutar</i>	<i>auscultar</i>
clave-	<i>chave</i>	<i>clave</i>
flamma-	<i>chama</i>	<i>flama</i>
integru-	<i>inteiro</i>	<i>íntegro</i>
oculu-	<i>olho</i>	<i>óculo</i>
plenu-	<i>cheio</i>	<i>pleno</i>
sigillu-	<i>selo</i>	<i>sigilo</i>
solitariu-	<i>solteiro</i>	<i>solitário ...</i>

Nas palavras de origem latina <sup>◇</sup> é costume distinguir...

- aquelas (ditas *eruditas*) que se formam tomando, por *empréstimo*, as correspondentes formas latinas, de
- outras (ditas *populares*), que se formam por *evolução fonética* do vocabulário herdado.

Dentre as palavras que *divergem* há, pois, algumas que o fazem através de duas *vias*: uma *erudita* e outra *popular*.

<sup>◇</sup> Como lembra Paul Teyssier, “o português possui um vocabulário complexo: às palavras que se mantiveram sempre vivas desde a época latina, e que constituem o “património hereditário” da língua, vieram juntar-se palavras eruditas, criadas, em todas as épocas, com base no latim e no grego.” (p. 19) “Este processo de enriquecimento do vocabulário jamais cessou. Tornou-se, porém, particularmente intenso no século XV, com a prosa didáctica e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista” (p. 68), especialmente com Damião de Góis (1502-1574), André de Resende (1500-1573) e os gramáticos desse século.

1. A evolução das palavras segundo duas *vias* é um processo de
  - a.  “convergência”;
  - b.  “divergência”.
  - 1.1. Justifique.
2. Tente explicar, por palavras suas, em que consiste o fenómeno de evolução por *via popular* e por *via erudita*.
3. Dada a palavra latina “*captare*”, qual a palavra portuguesa que dela resulta por *via erudita*?
  - a.  “Catar”.
  - b.  “Captar”.
4. Dada a palavra latina “*cathedra*”, qual a palavra portuguesa que dela resulta por *via popular*?
  - a.  “Cadeira”.
  - b.  “Cátedra”.
5. Considere a palavra latina “*medicina*”. Qual a palavra portuguesa que dela resulta por *via popular*?
  - a.  “Mezinha”.
  - b.  “Medicina”.
6. Considere as palavras portuguesas *delgado* (por *via popular*) e *delicado* (por *via erudita*).
  - 6.1. Tente descobrir a respectiva palavra latina.
7. Considere o verbo latino “*laborare*”. Quais as palavras portuguesas que dela resultam por *via popular* e por *via erudita*?

Veja as propostas de resposta a partir da página 307.